

O ensino da iluminação no currículo acadêmico em dança

Flaviana Xavier Antunes Sampaio [1]

O currículo dançante

Em linhas gerais a definição de currículo por Lewis e Miel (1978) diz respeito a um antigo e persistente significado associado a matérias, geralmente organizado como disciplinas escolares selecionadas para serem ensinadas a alguém. Comumente, os conteúdos das disciplinas são planejados pelo corpo docente que delimita os assuntos pertinentes para cada matéria em busca de uma boa eficiência no processo de aprendizagem dos discentes. Um problema identificável nessa prática é o risco dos discentes não conseguirem criar associações entre os conteúdos devido a não estabelecimento de proximidade dos assuntos entre as disciplinas.

O termo currículo provém da palavra latina *currere*, que se refere à carreira, a um percurso que deve ser realizado. Nesse contexto, a escolaridade, via conteúdos expressos no currículo, é o meio pelo qual o aluno se apropria dos conteúdos significativos, de forma progressiva, galgando alguns degraus rumo à completa escolarização. (LIMA, LEMOS e ANAYA, 2006, p. 147)

O entendimento de currículo escolar aliado à disciplina atuando como elemento estruturado a conteúdos isolados é ultrapassado na temática coevolutiva que preza por processos articulados. A afirmação de currículo relacionada à carreira dá margem à possibilidade de os conteúdos das disciplinas serem expostos na escola de modo interdisciplinar. Assim, os discentes se desenvolveriam com mais qualidade de flexibilidade e raciocínio lógico. O planejamento conjunto das disciplinas a criar este vínculo relacional entre os conteúdos é uma saída para esse tipo de abordagem.

A prática dualista e fragmentada ainda imposta em várias escolas não dialoga com as pesquisas atuais sobre o modo de aquisição do conhecimento humano. Os neurocientistas atuais disseminam a ideia de que a aquisição do conhecimento humano, inerente às relações com o meio, não se dão isoladamente, mas em constante fluxo. Segundo Foley (2003), o mundo que vivenciamos, portanto, nada mais é que uma construção de sentidos e, em particular, a linguagem que usamos para descrever nossas experiências. É impossível quebrar o círculo entre o mundo humano e a experiência humana desse mundo.

Ao compreender o ambiente escolar sob a perspectiva coevolutiva, valorizando as possíveis relações dos discentes na trajetória escolar em processo, podemos realizar uma associação direta com a cena da Dança. Classificamos como cena da Dança o ambiente que ocorre as apresentações. Notamos nestes ambientes que obras de

Dança tendem a apresentar diversas informações cênicas além do corpo humano. A Iluminação é uma delas, assim como também o é o cenário, a música, o figurino... Neste contexto, os cursos superiores em Dança sugerem um campo fértil para a pesquisa dessas informações cênicas para uso nas composições e estudo.

A implantação de módulos é a solução?

O currículo acadêmico em Dança é pautado a partir das necessidades preconizadas pelos docentes. Pesquisando acerca do currículo da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia observamos que esta Instituição percorreu e vem percorrendo uma história de reformas curriculares intensas. Em 2005 aplicou-se o que pode ser considerada a mudança mais radical referente aos anos anteriores: o currículo formal foi “abolido” e a estrutura de módulos foi implantada.

Refletindo sobre a implantação dos módulos na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, Molina (2007) chama atenção para os módulos que se articulam independente e complementarmente. Ele constata que nesta nova configuração, os professores atuam em equipes, diversificando as abordagens metodológicas e enriquecendo as discussões com contribuições heterogêneas a partir de seus interesses específicos enquanto pesquisadores:

Nessa época, essa mudança suscitou diversas expectativas uma vez que a grade curricular e o procedimento foram alterados substancialmente. O que antes cabia a determinados professores, por cada disciplina, habilidade, a partir desse momento outra relação foi proposta: a integração das disciplinas através dos módulos e também a agregação de 2 a 3 professores por módulo também pontuou a transição inovadora (MOLINA, 2007).

No novo contexto proporcionado pela implantação dos módulos, a caracterização da estrutura de conteúdos do curso foi diluída: Ao invés de estudos reservados a projetos isolados assumiu-se um projeto interdisciplinar articulado. A projeção da antiga grade curricular, com inúmeras matérias, também foi re-organizada através de três módulos que dialogam entre si: “Estudo do Corpo”, “Estudo Crítico Analítico” e “Processos Criativos”.

Identificamos que a implantação da estrutura de módulos na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia e sua caracterização são próximas às reflexões propostas por Damásio (2004) ao observar a existência de uma unidade nos processos relacionais dos organismos:

Dado que a mente emerge num cérebro que é parte integrante de um organismo, a mente faz parte também desse organismo. Em outras palavras, corpo, cérebro e mente são manifestações de um organismo vivo. Embora seja possível dissecar esses três aspectos de um organismo sob o microscópio da biologia, a verdade é que eles são inseparáveis durante o funcionamento normal do organismo (DAMÁSIO, 2004, p.206).

Relacionamos o entendimento da cena da Dança como campo de emergências. Neste contexto, desde o dançarino até a cor do solo em que se dá a cena são informações compositoras - passando por todas as decisões para composição e disposição de figurino, movimento corporal, maquiagem, cenário, iluminação - enfim, tudo

disposto ou não em cena repercute uma configuração particular. O tratamento da luz, por exemplo, declina na escolha do tipo da fonte (natural, artificial), cor, textura e intensidade que permeiam uma proposição à obra. Com esta proposição indicamos que a cena da Dança é construída através de possibilidades de composição. Não se trata de um jogo de probabilidades definida ou aleatória, mas um campo fértil de emergências. Logo, apresenta diversas possibilidades de análise. Porém, o estudo de uma destas informações – como a função da Iluminação, deve ser realizada considerando o contexto geral da obra. Na configuração da Dança, no seu conjunto, considerando que, tal campo de emergência, se realiza a partir das relações que acontecem em cena.

A adesão ao sistema de módulos foi um marco interessante à Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, mas algumas questões ainda estão sendo resolvidas: certas disciplinas antigas parecem ter perdido espaço, por exemplo, “Fundamentos do Teatro” que abarca os ditos elementos cênicos, entre eles estudos relacionados à Iluminação. Portanto, algumas ações recentes têm revisto esta temática:

- No semestre 2009.2 o Departamento de Teoria e Criação Coreográfica ofereceu a optativa “Investigação Cênica” que contemplou o ensino da Iluminação sob a supervisão do Prof. Ms. David Iannitelli e Prof. Ms. Paula Borges.

- No semestre 2010.1 o Laboratório de Corpo e Criação I [2] tem como temática “Luz, cor e sombra” sob supervisão da Prof. Dr. Ludmila Pimentel e Betti Grebler.

Defendemos a idéia de que o ensino da Iluminação no currículo acadêmico em Dança se faz necessário quando assumimos a co-existência das informações cênicas no fazer Dança. Ou, caso contrário, os pesquisadores deste fazer sucumbem em não dar o tratamento adequado a essas informações, comprometendo suas aspirações artísticas enquanto fazedores de danças.

O porquê do estudo de Iluminação na academia de Dança

O cérebro não começa o dia como uma tábua rasa. O cérebro está animado desde o início da sua vida com um enorme repertório de sabedoria que diz respeito à forma como o organismo deve ser gerido, isto é, à forma como a vida deve ser organizada e como o organismo deve responder a certos acontecimentos exteriores. Uma enorme variedade de locais de mapeamento e das respectivas ligações neuronais está presente à hora do nascimento (DAMÁSIO, 2004, p. 217).

A partir dessa citação, podemos deduzir que assim como no nascimento, a ação humana se desenvolve durante todo seu tempo de vida de modo relacional modificante. Nesta concepção, as pessoas não têm um repertório de vivências única, estabilizado. Pelo contrário, este repertório está em constante modificação e formulação a todo tempo. Considerando este constante e incessante fluxo no processo de vivências do homem, identificamos que as instituições de ensino devem se atentar a este fato para proveito metodológico de aprendizagem. Logo, a academia, a educação de nível superior, se apresenta como um local propício nesta acepção para abordar conteúdos de modo integrado, mobilizador. Para a academia de

Dança propomos o ensino articulado de todas as informações cênicas enquanto propositores da obra.

O ensino na Graduação de Dança da Universidade Federal da Bahia se apresenta de modo a contribuir no fazer artístico dos discentes e principalmente estimular a atuação destes como pesquisadores, de modo a fomentar cada vez mais a consolidação da Dança como área do conhecimento. Localizamos que como um fator determinante no fazer Dança, a Iluminação pode ser destacada como informação cênica proeminente de pesquisas e tratamento específico para propor concepções de obras.

A apropriação da cena da Dança para o artista que exerce este fazer, percorre caminhos além do próprio corpo humano em movimento. Não propusemos aqui classificar regras ou pontos para seguimento como se pudesse haver um método único para se fazer Dança. Aliás, há: Trata-se da idéia do propositor da obra. O que ele quer? Partindo desta resposta podemos então desenvolver a pesquisa de criação em torno de tudo que pode ou não compor a cena de modo articulador, propositor e eficiente. Ademais, além de colaborar nas produções dos discentes, o estudo da Iluminação amplia a análise das obras provocando discussões acerca das produções de Dança em geral a enriquecer o diálogo e argumento artístico das obras.

Referências

DAMÁSIO, Antonio. Em busca de Espinhosa – Prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FOLEY, Robert. Os humanos antes da humanidade: Uma perspectiva evolucionista. São Paulo: UNESP, 2003.

LEWIS, A.; MIEL, A., Key words relating to curriculum and instruction in J.R. Gress e D. E. Purpel, Editors, Curriculum: An Introduction to the Field. Berkeley, CA, McCutchan Publishing Corporation, 1978.

LIMA, M. de; LEMOS, M. de; ANAYA, V. Currículo escolar e construção cultural: uma análise prática. Dialogia. São Paulo, v. 5, p. 145-151, 2006.

MOLINA, Alexandre. Corpo e (im)pertinências curriculares nas licenciaturas em dança no Brasil. In: IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, GT Danças e novas tecnologias, 2007.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia; atua como iluminadora desde 2004; bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

[2] O Laboratório de Corpo e Criação também é vinculado ao Departamento de Teoria e Criação Coreográfica.